Adaptação psicológica ao trauma enquanto hedonia e/ou *eudaimonia*? Diferenças na prevalência de PTSD, psicopatologia actual e percepção da experiência de guerra em veteranos da Guerra Colonial Portuguesa com significados positivos versus negativos para a experiência de combate.

Sandra Sendas[1], Ângela da Costa Maia, PH.D[2]

[1] *Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia - SFRH/BD/21990/2005, em Portugal.*
[2] *Professora Auxiliar, Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, em Portugal.*

Este estudo foi realizado no âmbito da bolsa atribuída pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCTI - SFRH/BD/21990/2005);
Agradecemos à Associação Portuguesa de Veteranos de Guerra – APVG o apoio na recolha de dados

Introdução

Os soldados expostos ao stresse de guerra podem indexar as memórias dos episódios vividos nos teatros de guerra tanto a significados positivos como negativos não mutuamente exclusivos (Aldwin, Levenson & Spiro III, 1994; Fontana & Rosenheck, 1998).

A capacidade de atribuir significados positivos à exposição ao combate revelou-se protectora face ao desenvolvimento de PTSD (Fontana & Rosenheck, 1998). Todavia, as investigações no âmbito da relação entre a atribuição de significados positivos/enumeração de benefícios no confronto com o trauma e a adaptação psicológica das vítimas têm-se revelado inconclusivas (Calhoun & Tedeshi, 2004). Para autores como Ryff e Keyes (1995) ou Bauer, McAdams e Sakaeda (2005) a dificuldade de conciliação dos resultados destes estudos resulta, em parte, das metodologias usadas no estudo da adaptação psicológica se limitarem à avaliação dos níveis de psicopatologia das vítimas e à assumpção de que existe equivalência entre adaptação psicológica e ausência de sintomatologia psicopatológica (i.e. a perspectiva hedónica da adaptação psicológica). Todavia, em (1988), os estudos de Fontana e Rosenheck com veteranos de guerra, já haviam mostrado a independência entre sofrimento psicológico e a adaptação psicológica. Na mesma linha, autores como Ryff (1989a), Calhoun e Tedeschi (2004) alertam, com base nos trabalhos de Ryff (1989a, 1989b,1995), para a necessidade de substituir as metodologias hedónicas usadas nas investigações no âmbito da traumatologia por um modelo multidimensional do bem-estar psicológico (no inglês PWB) que contemple uma visão *eudaimónica* da adaptação psicológica através da avaliação dos indivíduos aos níveis da

auto-aceitação; mestria ambiental; qualidade das relações com os outros; consciência de sentido de vida e do sentimento de crescimento pessoal.

Este estudo procurou avaliar as diferenças ao nível da adaptação psicológica, tanto nos seus aspectos hedónicos, relacionados com indicadores de psicopatologia (i.e. aos níveis da intensidade da exposição à guerra; prevalência de diagnóstico actual de PTSD e níveis de psicopatologia actual), como a partir de indicadores *eudaimónicos* (i.e. natureza das percepções pessoais para a experiência de guerra) entre os veteranos da Guerra Colonial Portuguesa com significados positivos vs negativos para a experiência de combate.

MÉTODO

Participantes

Participaram neste estudo 314 sujeitos do sexo masculino que haviam feito parte de um estudo de âmbito nacional (cf. Maia e col., 2006) com idades entre os 51 e os 68 anos (média 57,53; dp=3,69; mínimo 51, máximo 68)

Instrumentos

Questionário Sócio-Demográfico e Clínico; Questionário da História Militar (Maia & col., 2001); Escala de Avaliação da Resposta ao Acontecimento Traumático – E.A.R.A.T. (McIntyre, 1993; McIntyre & Ventura, 1996); Inventário de Sintomas Psicopatológicos - B.S.I. (Derogatis, 1993; versão Canavarro, 1995).

Os significados indexados à guerra foram avaliados através da resposta livre à questão *Que significado tem na sua vida ter estado na guerra*?

RESULTADOS

Entre os sujeitos deste estudo, 30.5% atribuem um significado positivo à sua experiência de participação na guerra, 60,5 % atribuem um significado negativo e os restantes 9% apresentaram significados ambíguos para a mesma.

Ao nível do índice global da exposição à guerra não se verificaram diferenças quando se compara os sujeitos com significados positivos vs negativos ($t=.530$; $p>.05$) mas os sujeitos com significados positivos relatam significativamente menos ferimentos ($t=2,284$; $p<.05$).

A prevalência de diagnóstico actual de PTSD é significativamente superior nos sujeitos com significados negativos (X^2(1)=6,758; p=.009), bem como a média de sintomas gerais de PTSD (t=2.179; p<.05). Os grupos não se distinguiram nos níveis de psicopatologia actual avaliada pelo BSI (t=.468; p>.05).

Quanto às percepções pessoais para a experiência de guerra, são os sujeitos com significados positivos aqueles que: (1) menos fizeram acções contra a própria moral (X^2(1)=5.307; p<.05); (2) mais identificam ganhos com a experiência (X^2(1) = 26.067; p=.000) e (3) não se importariam de repeti-la (X^2(1)=28.288,p=,000).

Discussão e Conclusão

A inexistência de diferenças entre os grupos com significados positivos vs negativos ao nível do sofrimento psicológico indiciado pelos resultados do BSI e pelos sintomas de evitamento e activação da PTSD parece de acordo com as investigações nas quais não se encontraram associações significativas entre a atribuição de significado aos acontecimentos traumáticos e a adaptação à adversidade (Fromm, Andrykowski & Hunt, 1996; Lehman et al.,1993; Tedeschi & Calhoun, 1996; Schorr & Roemer, 2002). Este resultado poderá levar-nos a defender que a natureza do significado atribuído ao stresse de guerra não nos permite diferenciar os grupos com significados positivos vs negativos em termos de adaptação psicológica (i.e. na perspectiva hedónica). Todavia, os sujeitos com significados positivos, não obstante o sofrimento manifestado, apresentam uma prevalência menor de diagnóstico de PTSD e média inferior de sintomas de PTSD o que parece consistente com as associações negativas encontradas entre a atribuição de significado/identificação de benefícios no confronto com o trauma e a adaptação psicológica em diversos tipos de populações de vítimas (Davies, Nolen-Hoeksema & Larson,1998; McMillen, Smith & Fischer 1997; Frazier, Cólon & Glasser 2001).

Pensamos que, não obstante os sujeitos com significados positivos continuarem a sofrer psicologicamente, as suas percepções da experiência de guerra sugerem capacidades de auto-aceitação e gratidão pelos benefícios retirados da participação na Guerra Colonial (e.g. a oportunidade de criar relações quase fraternais com os camaradas, conhecer novas terras e culturas, completarem a instrução básica, tirarem a carta de condução, entre outros) o que parece ir ao encontro tanto da concepção *eudaimónica* da adaptação psicológica de Ryff (1995), no que se refere às dimensões de auto-aceitação, proximidade afectiva aos outros e sentimento de mestria ambiental, como do conceito de crescimento pós-traumático de Calhoun e Tedeshi (1998, 1999, 2000, 2004). Apesar destes indivíduos, actualmente, apresentarem

níveis de sofrimento psicológico equivalentes aos dos seus camaradas com significados negativos para a experiência de combate, eles parecem ter conseguido usar de criatividade para gerar um estado de adaptação psicológica no seu sentido *eudaimónico* através da auto-actualização (Maslow, 1968 cit por Ryff, 1989); auto-aceitação; proximidade afectiva aos outros e mestria ambiental (Ryff, 1995).

Referências

Aldwin, C. M., Levenson, R.M., & Spiro III (1994). Vulnerability and resilience to combate exposure: can stresshave lifelong effects? *Psychology and Aging*, 9, 34-44.

Calhoun, L.G., & Tedeschi, R.G. (1999). *Facilitating posttraumatic growth: a clinician's guide.* Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Calhoun, L.G., Cann, A., & Tedechi, R.G. (2000). A correlational test of the relationship between posttraumatic growth, religion, and cognitive processing. *Journal of Traumatic Stress, 13*, 521-527.

Davies, C.G., Nolen-Hoeksema, S., & Larson, J. (1998). Making sense of loss and benefiting from experience: two construals of meaning. *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*, 561-574.

Fontana, E., & Rosenheck, R. (1998). Psychological benefits and liabilities of traumatic exposure in war zone. *Jounal of Traumatic Stress, 11*, 485-505.

Frazier, P., Colon, A., & Glasser, T. (2001). Positive and negative changes following sexual assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 69,* 1048-1055.

Fromm, K., Andrykowski, M.A., & Hunt, J. (1996). Positive and negative psychological sequalae of bone marrow transplantation: Implications for quality of life assessment. *Journal of Behavioral Medicine, 19,* 221-240.

Lehman, D.R., Wortman, C.B., Williams, A.F. (1987). Long-term effects of losing a spouse or child in a motor vehicle crash. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 218-231

McMillen, J.C., Smith, E.M, & Fisher, R.H. (1997). Perceived benefit and mental health after three types of disaster. *Journal of Consulting and Psychology,* 65 (5), 733-739.

Ryff, C.D., Keyes, C.L. (1989a). Beyond Ponce de Leon and life satisfaction: New directions in quest of successful aging. *International Journal of Behavioural Development, 12,* 35-55.

Ryff, C.D., Keyes, C.L. (1989b). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 1069-1081.

Ryff, C.D., Keyes, C.L. (1995). The structure of Psychological well-being revisited. (1995). *Journal of Personality and Social Psychology*, *69*, 719-127.

Tedeschi, R.G., & Calhoun, L. (2004). Posttraumatic growth: conceptual foundations and empirical evidence. *Psychological inquiry, 15,* 1-18.

Tedeschi, R.G., & Calhoun, L.G. (1996). The posttraumatic growth inventory: measuring the positive legacy of trauma. *Journal of Traumatic Stress, 9,* 455-471.

Tedeschi, R.G., Park, C.L., & Calhoun, L.G. (1998). *Posttraumatic growth: positive changes in the aftermath of crisis.* Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Zoellner, T., & Maercker, A. (2006). Posttraumatic growth in clinical psychology – a critical review and introduction of a two components model. *Clinical Psychological Review,* retirado a 12 de Abril de 2006 de www.sciencedirect.com